

## Cruzando olhares: figurações do narrador em “As duas sombras do rio”<sup>1</sup>

Luana Antunes Costa

Doutoranda em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa na Universidade de São Paulo

E-mail: [luanaantunescosta@yahoo.com.br](mailto:luanaantunescosta@yahoo.com.br)

**RESUMO:** Desejamos tecer alguns apontamentos referentes às facetas do narrador do romance *As duas sombras do rio*, do escritor e historiador João Paulo Borges Coelho. Nesta narrativa, atrelada à relação entre a obra e o autor, apresenta-se a questão da figuração do narrador que, merecerá, aqui, especial atenção, já que este parece transitar entre a margem da narrativa historiográfica (entendida como um elemento das Ciências Humanas) e aquela onde habita o *griot*, o contador de estórias. Para tanto, buscaremos estabelecer um diálogo entre as margens do discurso historiográfico, encarnado na voz de Serge Gruzinski, do ficcional, a própria tessitura do texto romanesco, além das vozes fundadoras do campo da teoria e da crítica literária, como a de Walter Benjamin, e no Brasil, a de Laura Cavalcante Padilha.

**PALAVRAS-CHAVE:** João Paulo Borges Coelho; *As duas sombras do rio*; romance moçambicano

**SUMMARY:** We intend to weave some notes about the facets of the narrator of the novel *As duas sombras do rio* (The river's two shadows), from the writer and historian João Paulo Borges Coelho. In this narrative, linked to the relation between the work of art and the writer, is presented the issue of the narrator's role, what will require a special attention, as this one seems to transit between the historiographic narrative's edge (interpreted as a Humans Sciences' element) and that one where is found the *griot*, the tale-teller. To do that, we will try to establish a dialogue between the historiographic discourses' edges, embodied by Serge Gruzinski, from the fiction, the specific texture of the novelistic text, besides the founder voices of the theory and literary critics field, as Walter Benjamim, and in Brazil, as Laura Cavalcante Padilha.

**KEY-WORDS:** João Paulo Borges Coelho; *As duas sombras do Rio*, Mozambican novel.

---

<sup>1</sup> Texto apresentado no XXI Encontro de Professores de Literatura Portuguesa – ABRAPLIP. O evento ocorreu na Universidade de São Paulo, de 3 a 6 de setembro de 2007.

“É através de Moçambique que eu vejo o mundo”.

João Paulo Borges Coelho

O romance *As duas sombras do rio* (2003), do escritor e historiador João Paulo Borges Coelho, navega pelos diferentes momentos históricos que marcaram o período da colonização de Moçambique, bem como a época que se seguiu ao país pós-independente, concentrando-se, sobretudo, nos acontecimentos vivenciados pelos habitantes da região do Zumbo – localizada na margem norte do rio Zambeze – durante as incursões da RENAMO (Resistência Nacional Moçambicana) pelo país. Assim, a narrativa é construída de forma dialógica, sendo tecida a partir dos contatos discursivos de duas fontes: a histórica e a literária.

Atrelada à relação entre a obra e o escritor, apresenta-se a questão da figuração do narrador que, merecerá, aqui, especial atenção, já que este parece transitar entre a margem da narrativa historiográfica (entendida como um elemento das Ciências Humanas) e aquela onde habita o *griot*, o contador de histórias.

Olhemos, então, para as facetas da voz narrante do romance. Para tanto, recorreremos, primeiramente, aos ensinamentos de Walter Benjamin (1987, p. 127-221). Tecendo considerações sobre as formas de configuração do narrador (ou do “contador”, mais especificamente), Benjamin esclarece-nos que este pertence a uma categoria diferente do produtor romanesco, pois, segundo o teórico, o “contador” tece suas histórias em seu ambiente de trabalho artesão, relacionando-se a um tempo em que as informações eram relatadas pelos sujeitos da comunidade e, sendo assim, amadurecidas em sucessivos períodos. Estes, por sua vez, se configuravam da seguinte maneira: primeiramente, pelo período do acontecimento do fato; em seguida, pelo do relato deste fato; depois, por aquele referente à captação do relato que era realizada pelo ouvinte; e, por fim, pelo tempo da transmissão do fato, realizada por aquele que ouviu e que, ao transmiti-lo, torna-se o contador. Essa prática remonta ao período clássico, ao épico:

Quando o ritmo do trabalho se apodera dele [do ouvinte], ele escuta as histórias de tal maneira que adquire espontaneamente o dom de narrá-las. Assim se teceu a rede em que está guardado o dom narrativo. (ibidem, p. 205)

A partir das considerações benjaminianas, constatamos que o narrador de *As duas sombras do rio* se encontra num espaço “entre”. Alguns indícios pontuados na narrativa levaram-nos a essa hipótese, sendo o primeiro, o trânsito do narrador entre os dois mundos – o “norte” e o “sul” de Moçambique e o europeu e o africano, mais globalmente. Portanto, a leitura desses universos ocorre a partir do lugar de sua fala, ou seja, Moçambique. Isso nos faz pensar que, mais do que transitar, o narrador atravessa duas margens culturais, favorecendo, assim, o diálogo estabelecido por dois elementos: a figura do *griot* e aquela do historiador. Nesse atravessar de fronteiras, estaria ele encenando seu contado ora como faz um *griot*, ora como o elabora um historiador.

Essa hipótese se torna mais contundente quando reexaminamos o último capítulo do livro, “O Fundo Das Águas”. É justamente neste capítulo que o narrador nos revela a origem de todos os acontecimentos que norteiam as inúmeras histórias que compõem o romance. Relata-nos a história central propulsora de uma cadeia de acontecimentos ocorridos tanto nas margens “norte” e “sul” de Moçambique, ou ainda, do rio Zambeze: a história do início do tráfico negreiro praticado ao longo desse rio:

O Zambeze é uma larga e majestosa fita de prata que separa a terra do céu. Uma grande cobra que vem de Angola e corre para o mar, para o fim do mundo. Da boca dessa cobra gerações e gerações de antepassados se despediram desta vida e penetraram nas brumas do além amarrados uns aos outros, e ainda bem, porque desta forma, muito juntos nos porões escuros dos barcos, ficava pouco espaço para os seus medos e terrores. (BORGES COELHO, op. cit., p. 258)

Ao enfatizar a sucessão de acontecimentos – daí a constante referência às águas do rio –, voltando-se ao século XVI, XVII, época da grande expansão do império cristão europeu pelos quatro cantos do planeta (África, Ásia, Europa, América)<sup>2</sup> e ainda, estendendo-se ao longo dos séculos XVIII até chegar ao século XX, o narrador revela por completo seu olhar de historiador. Vale lembrar aqui, o historiador francês Serge Gruzinski:

Com frequência os historiadores tenderam a ler as épocas passadas como fruto de um movimento linear, de uma evolução, até mesmo de uma progressão ou de um progresso. Como se, a cada vez, uma nova etapa devesse supostamente desenvolver forças que estariam contidas, em gestação, nas etapas anteriores. [...]. Esse tempo linear carrega a sempiterna questão das origens, que, por sua vez, implica a idéia de uma autenticidade ou de uma pureza a ser reencontrada. (GRUZINSKI, 2001, p. 58)

Percebemos clara, pela citação, a crítica de Gruzinski (2001) direcionada ao historiador que, em diálogo com as correntes evolucionistas, acaba atribuindo a todo e qualquer acontecimento passado metáforas de “origem”, de encandeamento, tendendo assim, aos essencialismos. No caso desta obra, ainda que o narrador olhe para o princípio da história do rio Zambeze como o ponto irradiador das várias histórias narradas ao longo do romance, não o faz de forma essencialista, como talvez o fizesse um historiador da corrente evolucionista. Antes, revela uma posição crítica frente a esse passado e, assim, as malhas do texto literário tornam-se o lugar de questionamentos e/ou de denúncia. Portanto, vemos o passado abrigar-se na tessitura do romance de forma espiralar. De fato, a narrativa é construída nos interstícios entre

---

<sup>2</sup> Sobre a expansão do império cristão nos séculos XVI e XVII ver GRUZINSKI, Serge. *Les Quatre Parties du Monde: histoire d'une mondialisation*. Paris: Éditions de La Martinière, 2004.

a veracidade dos fatos históricos ali narrados e do verossímil em que eles são transformados, uma narrativa que arriscaríamos chamar de “dramatizada”.

Assim, esclarecidos os indícios que nos conduziram à porção do historiador explorada na criação do narrador, olhemos agora para a outra face deste ser, ou seja, a face do “griot”, do contador de histórias. Sabemos que as mãos, os olhos, a voz (e por extensão), o corpo transformam-se em palavras no ato do contar histórias. Embora a presença de variação linguística nas falas das personagens e do narrador seja mínima, há toda uma dinâmica teatral na expressividade do discurso do narrador, em seu modo de contar – própria de um contador.

Sabe-se que uma das características que perpassa todas as literaturas africanas é o labor na (e pela) linguagem na tentativa de capturar o gesto, a voz, a teatralidade do contador de estórias e transcriá-los por meio da escrita. É esse trabalho de alto rigor que vemos no romance de Borges Coelho. Lembramos aqui a crítica Laura C. Padilha que nos diz acerca da marca da diferença presente nesse tipo de escrita:

Há, assim, a consciência [do produtor] de que é preciso gestualizar o texto, griotizá-lo, para que ele possa gritar a alteridade de sua voz, duplamente. Por outro lado, há também a consciência da escrit(ur)a, como um corpo marcado pela sedução e magia, corpo que deve ser percorrido para tornar possível a plenitude do gozo. (PADILHA, 1995, p. 9)

Os caminhos percorridos pelo escritor João Paulo B. Coelho mesclam-se àqueles trilhados pelo contador, pois, ao narrar as várias histórias tramadas no romance, narra-nos, de certa forma, parte daquilo que pertence à memória dos habitantes do Zumbo, que vivenciaram as ocorrências das guerras travadas em Moçambique. Importa lembrar que Borges Coelho recolheu relatos de homens e mulheres dessa região utilizando-os para criar a narrativa romanesca de seu livro. Em outras palavras, o romance nasce a partir das memórias desses sujeitos e do mergulho do escritor nessas narrativas. E não seria próprio do contador mergulhar na fonte das histórias da comunidade local para extrair não só o conhecimento, mas também transmiti-los, fazendo de si, através do ato do contar, a própria fonte de sabedoria? Lembramos, então, das palavras de Benjamin (1987, p.221): “Assim definido, o narrador figura entre os mestres e os sábios. (...). Seu dom é poder contar sua vida; sua dignidade é contá-la inteira. (...). O narrador é a figura na qual o justo se encontra consigo mesmo.”

Nesse sentido, o escritor utiliza-se de um elemento que se integra ao movimento de transcrição do universo oral moçambicano. Expliquemos: nota-se, no romance, a presença insistente de um elemento gráfico marcado nas falas do narrador, ou seja, os parênteses. Mais do que marcas explicativas, nos momentos em que ocorre o uso desses sinais, o narrador encena, como o faz um personagem do teatro ao pensar alto – falando consigo mesmo –, interage com o público e, assim, revela uma fala “em *off*”:

Passada aquela pantanosa barreira que garante a completa solidão (quem ousaria segui-lo através daquela visão do inferno, através daquele cemitério de gente

antiga disfarçada de canavial?), Ntsato entra agora numa pequena ilha de rasteiros capins verdes [...]. (BORGES COELHO, op. cit., p. 42)

Como observamos anteriormente, o caráter da narrativa épica, tecida no tempo e pela prática artesã, é primordial na caracterização do narrador benjaminiano, porém, através do conjunto de características, por nós já comentado, embora o narrador de Borges Coelho se localize em outros tempos, distintos do épico, podemos notar que ele habita um espaço próximo àquele do narrador benjaminiano, visto que é um ser fronteiro, encontrando-se “entre voz e letra”.

Assim, se pudéssemos imaginá-lo, quais seriam suas facetas? Arriscaremos afirmar que uma de suas faces seria a do historiador, um conhecedor de mundos, capaz mesmo de conhecer as diversas formas de interpretação dos fatos realizados pelos homens. A outra seria a do contador de histórias, como um *griot* que, junto ao fogo aceso, conta e ensina aos homens as narrativas de vida, fontes de sabedoria, pelo que se projeta como localizado num tempo e espaço próximos ao lugar sagrado dos deuses. Se assim o compreendéssemos, suas palavras finais corroborariam sua faceta de contador de histórias, pois, ao desvendar o véu que encobria o desenrolar da trama, o narrador revela-se ao leitor, elevando seu discurso ao plano do sagrado: “É afinal tão simples a história deste rio. Tão simples e todavia, levou séculos a desenrolar-se pois os deuses gostam de contá-la devagar.” (ibidem, p.260) Ao nos contar a história do rio Zambeze, fio condutor das diferentes e complementares histórias que compõem o romance, o narrador evidencia que a estória ali encenada, não só foi contada pelos deuses, mas também “fabricada”, tecida lentamente por eles.

A nosso ver, a narrativa de *As duas sombras do rio* poderia facilmente ganhar vida nos palcos de um teatro, visto que possui um refinado apelo cênico. Assim, se pudéssemos pensar no papel principal, esse seria encenado pelo narrador, pois, além de contribuir para o crescimento da narrativa através de seus comentários marcados pelos espaços fronteiros dos parênteses, notamos que, por meio de seu discurso, o tempo, o espaço e as próprias personagens movem-se pela geografia do romance. E assim, entre a História e a Ficção, observamos os olhares do narrador e do próprio escritor se cruzarem – como “duplas” retinas – no palco, na roda, nas malhas do texto.

**Autorizada a citação e/ou reprodução deste texto, desde que não seja para fins comerciais e que seja mencionada a referência que segue. Favor alterar a data para o dia em que acessou-o:**

COSTA, Luana Antunes. Cruzando olhares: figurações do narrador em “As duas sombras do rio”. **Revista África e Africanidades**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 8, fev. 2010. Disponível em: <[http://www.africaeaficanidades.com/documentos/Cruzando\\_olhares.pdf](http://www.africaeaficanidades.com/documentos/Cruzando_olhares.pdf)>. Acesso em: 8 fev. 2010.

### **Referências**

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura.** Tradução Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987. p.197- 221.

BORGES COELHO, João Paulo. **As duas sombras do rio.** Lisboa: Caminho, 2003.

\_\_\_\_\_. **Entrevista concedida a Rita Pablo**, 13 de abril de 2006. Disponível em: <[http:// www.africa.expresso.clix.pt/Moçambique/artigo.asp?id=24759942](http://www.africa.expresso.clix.pt/Moçambique/artigo.asp?id=24759942)>. Acesso em: 5 dez. 2006.

DERRIDA, Jacques. **La diferencia** = Différance. Santiago do Chile: Universidad ARCIS Autônoma, 1968. Disponível em: <<http://www.philosophia.cl/biblioteca/Derrida/La Diferencia.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2006.

GRUZINSKI, Serge. **Les quatre parties du monde: histoire d'une mondialisation.** Paris: Éditions de La Matinière, 2004.

\_\_\_\_\_. **O pensamento mestiço.** Tradução Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

PADILHA, Laura Cavalcante. **Entre voz e letra: o lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX.** Niterói: EDUFF, 1995.